

OS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS INICIAIS

Ellen Rísia de Siqueira Freitas¹

Elson M. da Silva²

¹ Graduanda e Bolsista Pibid do curso de Pedagogia do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

² Doutor em educação pela UnB e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo

O estudo, em questão, é parte dos trabalhos que vem sendo realizados pela equipe do Subprojeto Pibid – Pedagogia do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás. Caracteriza-se como teórico, e tem como objetivo apresentar discussões sobre os pressupostos teóricos básicos dos principais métodos de alfabetização infantil, com destaque para os métodos sintéticos, analíticos e construtivistas de alfabetização. Sabemos da importância de se retomar as discussões sobre a alfabetização em função de ser ela a principal responsabilidade, em especial da escola, nos últimos séculos. Com base nisto, esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para debates em relação à temática alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos de alfabetização. Educação.

Introdução

O trabalho, em questão, contém parte dos estudos que vêm sendo realizados durante a participação no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Subprojeto Pedagogia do Campus Anápolis Ciências Socioeconômicas e Humanas. Guiado pela problemática de se reconhecer quais são os principais métodos de alfabetização infantil utilizados em sala de aula, temos como objetivo apresentar breves discussões teóricas acerca desse assunto.

Como o trabalho ainda está em desenvolvimento, uma vez que o mesmo encontra-se na fase de coleta de dados empíricos, nos limitaremos, aqui, a apresentar discussões teóricas.

Esperamos que as discussões apresentadas neste trabalho possam gerar debates sobre a importância dos professores compreenderem os pressupostos dos principais métodos de alfabetização e, em que medidas esses contribuem, ou não, significativamente, para a aprendizagem das crianças em fase de escolarização, sobretudo no que tange à alfabetização.

Segundo Braslavsky (1992), os métodos de alfabetização fazem parte do campo educacional desde que a escolar se tornou popular. Ainda segundo essa autora, eles surgiram quando foram formados os sistemas escolares ocidentais, período esse em que a escola criou

estratégias para ensinar todos em um mesmo tempo e espaço; discutir métodos é o mesmo que discutir a escolarização, e não é só dos métodos de alfabetização que a escola vive, há varias outras metodologias, tanto aquelas referidas à organização, quanto às de bases conceituais. Os métodos de alfabetização consolidam junto com aqueles que dão base para a eleição dos conteúdos específicos da língua a serem ensinados às crianças, no processo inicial da escrita.

De um modo geral, na história dos métodos de alfabetização, há aqueles que elegem subunidades da língua, priorizando os aspectos ligados a fonografia (decifração e compreensão), e têm como conteúdo o ensino da escrita; do ponto de vista do ensino da língua, esse se iniciaria da menor unidade lingüística para o todo lingüístico. Essas características se inserem dentro dos denominados “métodos sintéticos de alfabetização”. Em contraposição a noção de se partir no ensino da menor unidade lingüística para o todo lingüístico, surgem os métodos analíticos de alfabetização.

Por serem os métodos sintéticos e analíticos considerados conservadores do ponto de vista da alfabetização, surge no México, na década de 80, o método construtivista de alfabetização, inspirado nas idéias do suíço Jean Piaget (1896-1980); esse método busca “instigar” a curiosidade, pois o aluno é levado a encontrar as respostas a partir de seus conhecimentos e de sua interação com realidade e com os colegas. E baseada nos estudos de Piaget, Emilia Ferreiro ampliou essa teoria para o campo da leitura e da escrita e concluiu que a criança pode se alfabetizar sozinha, desde que esteja em um ambiente que estimule o contato com letras e textos.

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, diante da experimentação, da pesquisa em grupo, dentre outros elementos; e a partir de suas ações, vão se estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo, como, por exemplo, noções de proporção, quantidade, causalidade, volume e outras, que surgem da própria interação da criança com o meio em que vive. Esse método enfatiza a importância do erro não como um tropeço, mas como uma mediação até a aprendizagem. O construtivismo é uma teoria psicológica que busca explicar como se modificam as estratégias de conhecimento do indivíduo no decorrer de sua vida.

Métodos Sintéticos de Alfabetização

Os métodos sintéticos de alfabetização podem assumir as seguintes características: a) partem inicialmente das partes para o todo; b) insistem fundamentalmente na correspondência entre o oral e o escrito, ou seja, entre som e grafia; c) as decorações, os sinais gráficos e as correspondências fonográficas são essenciais nestes métodos. Ainda em relação a esses

métodos, inclui-se o método alfabetização alfabético que toma, como unidade, a letra. Esse método durante muito tempo subsidiou as práticas de alfabetização escolares com ênfase na pronúncia das letras, estabelecendo-se as regras de sonorização da escrita no seu idioma correspondente.

Os métodos sintéticos de alfabetização nos permitem estabelecer uma relação principalmente com a pedagogia tradicional. Segundo Saviani (2008), a pedagogia tradicional teve início no século XIX e perdura até hoje nas escolas. No âmbito pedagógico, durante o processo de alfabetização, a criança era considerada uma “tábua rasa” e seu papel era de simplesmente receber a leitura e a escrita transmitidas pelo professor em sala de aula. No contexto da pedagogia tradicional, a alfabetização da criança ocorria de forma descontextualizada de sua realidade e essa tinha que, apenas, decorar as letras e as palavras apresentadas pelo professor. Ainda dentro da concepção tradicional de pedagogia, cabia ao aluno provar, por meio de testes e provas escritas, que havia aprendido a leitura e a escrita ensinada pelo professor. A cartilha era considerada a única estratégia de ensino que possibilitaria o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, segundo essa concepção tradicional de pedagogia.

Segundo Frade (2007), outro método de alfabetização que se desenvolveu a luz dos métodos sintéticos de alfabetização foi o fônico. Sob a influência da lingüística que toma como unidade o fonema e propõe que durante o processo de alfabetização da criança se parta do oral, em que a unidade mínima de som da fala é o fonema (fonema é menor unidade sonora do sistema fonológico de uma língua); cada fonema tem a função de estabelecer uma diferença de significado entre uma palavra e outra, e em muitas palavras o fonema corresponde a uma letra, porém, e importante atentar que o fonema é a representação sonora, enquanto a letra é a representação gráfica.

No método fônico, é preciso que o sujeito seja capaz de reconhecer os diferentes fonemas de seu idioma para poder relacioná-los com os sinais gráficos. Neste método, começa-se ensinando a forma e o som das vogais, depois as consoantes, estabelecendo entre elas cada vez mais relações complexas. Cada letra e grafema são aprendidos como um fonema, som, que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras; e para o ensino dos sons, existe uma seqüência que precisa ser respeitada, partindo da escolha dos sons mais simples para os mais complexos.

Segundo Braslavsky (1922), o método fônico de alfabetização surgiu como uma reação às críticas ao método de soletração, tendo grande repercussão mundial. Um exemplo disso foi na França, mencionado por Vallange, em 1719, através da técnica de figuras

simbólicas; também na Alemanha através da revista pedagógica, em 1803 por Henrique Stefani e é trabalhado por Montessori em 1907.

E a aproximação gradativa do método com a escrita representa o que alguns autores citados por Braslavsky classificam como os métodos fônicos, aqueles que vão tratar a relação da fala com a escrita como base conceitual, porque se ensina, nas escolas, diretamente, a relação da fala com a escrita; e para compreender essa relação, foram criadas as variações do método fônico para atenuar a falta de sentido e aproximarem os alunos de algum significado/representação.

Outro método de alfabetização das crianças que pode ser compreendido à luz dos métodos sintéticos é o silábico que possui as seguintes características: a) o acesso direto à sílaba e não ao fonema, que pode auxiliar na concretização da relação os segmentos da fala com segmentos da escrita; b) nesse, a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba.

No desenvolvimento desse método, geralmente, é escolhido uma ordem de apresentação, elaborada segundo princípios baseados a idéia do mais fácil para o mais difícil, ou seja, das sílabas simples para as mais complexas. Seria importante ressaltar que nem sempre os métodos silábicos estiveram ligados a famílias silábicas, e nem sempre se nomeavam como silábicos.

Segundo Frade (2007) os métodos sintéticos privilegiam o sentido do ouvido em relação aos sinais gráficos e, neles, eram comuns os exercícios de leitura em voz alta e o ditado; essas atividades guardam coerência com um tipo de pressuposto, que é o da transformação da fala em sinais gráficos. O objeto que se ensina explicitamente nos métodos fônicos e silábicos é, por autonomia, dedução do aprendiz. É possível encontrar lógicas e possibilidades em cada uma das tendências, dependendo do que é ensinado, e quando se ensina o sistema alfabético/ortográfico de escrita; em alguns casos, a sílaba é a melhor unidade para o ensino; em outros, a análise do fonema pode ajudar a estabelecer distinções entre palavras, quando a relação do fonema é mais direta.

As implicações que os métodos sintéticos trazem na alfabetização das crianças quando são utilizados de maneira exclusiva abordam algumas limitações entre elas: a) não exploram as relações entre fala e escrita, suas semelhanças e diferenças; b) atribuem às decodificações propostas que descontextualizam a escrita, assim, elaborando situações artificiais das letras, fonemas ou sílabas; c) levam os alunos a perceberem as partes isoladas, sem significados, chegando até percepção e compreensão de cada criança.

Os Métodos Analíticos de Alfabetização

Os métodos analíticos de alfabetização, segundo Frade (2007), partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. Esses métodos buscam atuar na compreensão dos “conteúdos”, defendendo os fenômenos da língua e dos processos de percepção infantil, baseado no reconhecimento global como estratégia inicial, e tomando como unidade de análise a palavra, a frase e o texto; os aprendizes, em seus processos de alfabetização podem realizar um processo de análise de unidades, que dependendo do método, vão do texto a frase, da frase a palavra, da palavra a sílaba.

Segundo Soares (1986), Comênio é apontado como introdutor do método da palavração, por volta da segunda metade do século XVII, e geralmente na palavração, as palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos as reconhecem pela visualização. Os métodos de palavração tendem a ser uma resposta diante da modernização pretendida nos discursos sobre os métodos analíticos.

Os defensores deste método acreditavam que essa estratégia cognitiva era algo do próprio ser humano, e suas aplicações. As figuras acompanham as palavras e, no começo do processo, a repetição garantia a memorização; ao mesmo tempo em que eram incentivadas as estratégias de leitura “inteligente”, a atenção dos alunos poderia ser dirigida aos detalhes das palavras, tais como, letras, sílabas e sons. Esse método se apoia em atividades pedagógicas que se utilizam como recursos cartões para fixação, como palavras de um lado, e gravuras de outro.

Já o método da frase descrito por Braslavsky tende a parecer com o método de sentencição, uma unidade que depois, reconhecida mundialmente e compreendida, será decomposta em palavras, em seguida por sílabas. O ponto de partida deste método são as expressões orais das crianças cujos enunciados são simplificados em orações simples e escritos em faixas de distintos tamanhos.

O Método Construtivista de Alfabetização

Em contraposição aos métodos tradicionais de ensino, entre eles os sintéticos e os analíticos, a partir da década de 80 começa a ganhar espaço no campo da educação e da alfabetização, o construtivismo de cunho piagetiano.

No Brasil, o construtivismo começa a influenciar educadores e pesquisadores do campo da educação por meio da publicação do livro “Psicogênese da Língua Escrita”, publicado por Ana Teberoski e Emília Ferreira. Na década seguinte, 90, começa a fazer parte dos programas e políticas educacionais brasileiras. É importante frisar, aqui, que o

construtivismo não pode ser considerado apenas como um método de alfabetização, uma vez que ela pode orientar também várias outras dimensões do processo de ensino e aprendizagem educacionais.

O construtivismo defende que a escola “deve” valorizar o conhecimento que a criança tem, e o destaque desta proposta é na leitura e língua escrita. E uma das características advindas do construtivismo é a ênfase que a escola deve dar ao conhecimento/bagagem que a criança tem antes de ingressar no ambiente escolar, com ênfase na leitura e língua escrita. Outra característica do construtivismo é que seus pressupostos orientam a não utilização de um único material pedagógico a ser utilizado para todas as crianças, como são feitas nas cartilhas, pois, segundo essa corrente, as escolas devem utilizar textos que estejam mais próximos a realidade da criança.

O construtivismo também advoga o estímulo a descoberta do conhecimento pelo aluno, o contato com as informações prontas e acabadas, mas quando precisa não hesita em valer-se da memorização. Neste caso, os professores devem escolher o momento propício e criar situações interessantes para transmitir os conhecimentos, escapando da prática tradicional. E com a prática social em que o construtivismo é proposto, é admissível que cada aluno tenha o seu processo individual de aprendizagem e os professores conheçam os seus alunos e os acompanhem, realizando as intervenções adequadas; o construtivismo valoriza muito o intercâmbio entre os alunos e o trabalho de grupo, em que os professores agem com uma presença motivadora e menos impositiva.

Segundo os construtivistas, o construtivismo considera a sistematização do ensino importante, porém aplicada com bom senso e flexibilidade. Contesta o currículo universal e prescritivo, pois é visto como uma imposição unilateral, uma camisa-de-força, com etapas rígidas, e inalteráveis, não é possível aprender por pedacinhos, e sim por mergulhos em conjuntos de problemas que envolvem vários conceitos ao mesmo tempo. E esse método dispensa o uso da cartilha, porque ela prevê etapas “rígidas” de aprendizagem, coisa que o construtivismo descarta, até porque os construtivistas acham que as linguagens utilizadas nas cartilhas (“Bá-bé-bi”. “Ivo viu a uva” etc.) são padronizadas, artificiais, distantes do mundo conhecido e vivido pelas crianças.

O “papel” dos professores no construtivismo é organizar o trabalho didático-pedagógico de modo que o aluno seja o co-piloto de sua própria aprendizagem. Os professores precisam ter mentalidade aberta, atitude investigadora, senso crítico, estar sempre em busca pelo novo, ter sensibilidade às mudanças do mundo junto com iniciativa para torná-

las significativas aos olhos dos alunos, se dedicar e o tempo todo se renovar, para sustentar uma relação com os alunos que não se baseia na autoridade e sim em qualidade.

As vantagens do construtivismo é que esse método busca formar pessoas de espírito inquisitivo, participativo e cooperativo, com mais desembaraço na elaboração do próprio conhecimento, criando condições para um contato mais intenso e prazeroso com o universo da leitura e da escrita. As desvantagens é que esse método não oferece aos professores instrumentos tão seguros e precisos com respeito ao seu trabalho diário; há muito por sistematizar, segundo os construtivistas.

A avaliação do aluno no construtivismo é entendida como um processo contínuo, diferente do sistema do ensino convencional. De acordo com os construtivistas, a avaliação tem caráter de diagnóstico - e não de punição, de certo ou errado e, além disso, os professores também se autoavaliam e modificam seus rumos.

Conclusão

Com a realização deste estudo, pudemos inferir que os principais métodos de alfabetização infantil são: os analíticos, os sintéticos e o construtivismo. Cada um destes métodos de alfabetização possui especificidades e lograram sucesso escolar numa determinada época histórica. Contudo, em função das mudanças sociais que vêm ocorrendo, é importante que seus pressupostos teóricos e metodológicos sejam revistos pelo professores, pois, caso contrário, a escola poderá se encontrar aquém das demandas sociais.

Referências

- BRASLAVSKY, Berta Perelstein de. **La querella de los métodos em la enseñanza de la lectura:** sus fundamento psicológicos y la renovacion actual. Buenos Aires: kapelusz, 1922.
- FRADE, Isabel Cristina Alves. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais. Educação Santa Maria, V.32 - n.01, p.21-40, 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/>. Acesso em 03 Jul. 2016.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução Diana Myriam. LICHTENSTEIN. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- GÔNGORA, Francisco Carlos. **Tendências Pedagógicas na Pratica Escolar.** Edições Loyola. São Paulo, 2005.
- MOURÃO, Helder. **A pedagogia ontem e hoje.** <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem-hoje.htm>.

Acesso em 08 Jul.2016. Revista Viver Mente e Cérebro. Disponível em:
www.vivermentecerebro.com.br. Acesso em 07 Jul. 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações, 7^a. Ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SOARES, Gilda Rizo. **Escola natural:** uma escola para a democracia. Francisco Alves, Rio de Janeiro: 2014.